PROJECT MUSE®

Natureza e ambiente na literatura de cordel brasileira

Carlos Nogueira

Studies in Latin American Popular Culture, Volume 34, 2016, pp. 128-146 (Article)

Published by University of Texas Press
DOI: 10.1353/sla.2016.0011

For additional information about this article
https://muse.jhu.edu/article/618711

Access provided by Universidad de Vigo (3 Jun 2016 17:30 GMT)

Natureza e ambiente na literatura de cordel brasileira

Carlos Nogueira
Universidade de Vigo

Abstract

This article approaches ecological thought in Brazilian *cordel* literature, which, by relating areas like nature, environment, religion, technology, science, teaching, citizenship, and the denouncing of inequalities and injustices against people, as well as living and nonliving beings, has already configured a cycle that the Brazilian School has been giving more and more attention to.

Neste artigo, iluminado pela teoria e pela metodologia da ecocrítica, procuraremos mostrar que a matriz científica e racionalista em que nos inscrevemos e inscrevemos as nossas crianças pode ser complementada e enriquecida com a leitura de textos da literatura de cordel brasileira. Na origem desta literatura, que chegava ao Brasil desde Portugal, está a produção europeia de livrinhos populares a que, em Portugal, se dá formalmente o nome de "literatura de cordel" pelo menos desde 6 de Junho de 1865, data da publicação, no *Jornal do Comércio*, do artigo "Literatura de cordel", de Teófilo Braga, e que constitui, nas palavras do autor em 1881, "a primeira tentativa para este trabalho" (62). Diz-se de "cordel" porque os folhetos que constituíam (e constituem, no Brasil) esta literatura eram pendurados, para exposição e venda, em cordéis distendidos entre dois suportes, presos por alfinetes, pregos ou molas de roupa, e ainda porque quem vendia esses objetos impressos os colocava e exibia à cinta.

Antes de avançarmos, convém sublinhar bem que os estudos literários nunca foram socialmente irresponsáveis. Como observa Jacinto do Prado Coelho, "Não há disciplina mais formativa que a do ensino da literatura. Saber idiomático, experiência prática e vital, sensibilidade, gosto, capacidade de ver, fantasia, espírito crítico—a tudo isto faz apelo a obra literária, tudo isto o seu estudo mobiliza" (45–46). Atualmente, aplicando e desenvolvendo a ecocrítica, o estudo e o ensino da literatura podem tornar-se ainda mais responsáveis e dialogar com outras disciplinas, das ciências da natureza às ciências do homem. Cherryll Glotfelty, na introdução do livro *Ecocriti-*

Studies in Latin American Popular Culture, Vol. 34, 2016
© 2016 by the University of Texas Press
DOI: 10.7560/SLAPC3407

cism Reader, diz-nos que a ecocrítica, tal como os movimentos feministas e os movimentos multiétnicos, pode mudar o mundo, as relações laborais, o mercado, a norma.

Para isso, como sublinha Glotfelty, conviria que em cada departamento de literatura houvesse pelo menos um especialista em literatura e ambiente, e não apenas voltado para o estudo da literatura dita culta. A literatura para a infância e a juventude, cada vez mais reconhecida como fonte de desenvolvimento cognitivo, cultural e humano, não deve ser esquecida. A investigação nesta área, e, em particular, no que tem a ver com as representações do comportamento humano na natureza e no planeta, não pode ficar limitada a contributos isolados. Os poucos livros publicados neste campo específico da ecocrítica literária, como os editados por Sidney I. Dobrin e Kenneth B. Kidd, e por Clare Bradford, Kerry Mallan, John Stephens e Robyn McCallum, são modelos a que convém dar continuidade. Daí este nosso estudo, que se ocupa de uma das muitas áreas da literatura de cordel brasileira, que permanece muito dinâmica e a saber reinventar-se, a investir nas faculdades mitopoéticas do pensamento e da sensibilidade, a evocar e a (re)construir a identidade cultural do Brasil, a ligar o prazer do texto e do impresso à construção de um país e de um mundo mais civilizados e habitáveis.

As origens de um ciclo

A literatura de cordel brasileira inclui, desde o seu início, temas e motivos ligados à natureza e ao ambiente. Partindo deste pressuposto, que comprovaremos a partir de exemplos e de uma análise dos conteúdos e das formas, pretendemos propor aqui a inclusão de um novo ciclo ("natureza e ambiente" ou "ecologia") nas classificações da literatura de cordel brasileira, e valorizar pedagogicamente esta produção cultural, que pode ser integrada com sucesso em atividades curriculares e em provas escolares.

Identificados com o seu país, os poetas exaltam o mundo rural, o sertão, os animais, o mar do Brasil. Em folhetos de vários ciclos, a descrição emocionada da natureza é um convite à participação do leitor na grande "alma brasileira", que não pode prescindir da fruição estética das paisagens nem do conhecimento ativo dos recursos naturais e humanos que se lhe associam.

Mas "Este querido Brasil / Triângulo da Natureza", nas palavras de António Teodoro dos Santos (Jaguari, Bahia, 1916–Senhor do Bonfim, Bahia, 1981), é muitas vezes espaço de devastações naturais, de secas e inundações, a que os poetas também se referem insistentemente (4). É o caso de *Patativa do Assaré* (Antônio Gonçalves da Silva, Serra de Santana, Assaré, Ceará, 05 de Março de 1909–08 de Julho de 2002), que, no *ABC do Nordeste flagelado*, descreve as consequências da seca na terra, na fauna, na flora e nas pessoas, e evoca Cristo e Deus, pedindo-lhes auxílio. Este poema é uma espécie de oração dolorida em que entram momentos descritivos e

passagens expressionistas, e elementos cosmológicos, teológicos e antropológicos: "Raquítica, pálida e doente / Fica a pobre criatura / E a boca da sepultura / Vai engolindo o inocente, / Meu Jesus! Meu Pai Clemente / Que da humanidade é dono / Desça do seu alto trono, / Da sua corte celeste / E venha ver seu Nordeste / Como ele está ao abandono" (12).[1]

Nos poemas de Patativa do Assaré, a natureza aparece-nos na sua multiplicidade de mundo pleno de recursos e belezas naturais, mas também atravessado por agruras e injustiças que importa mostrar e denunciar. N'*O Meu Livro*, o enunciador declara-se discípulo de Deus e da Natureza, em cujo livro aprende a ser um poeta inspirado e profético, libertado e libertador:

> Meu nome é Chico Braúna / eu sou pobre de nascença, / deserdado de fortuna / mas rico de conciência. / Nas letras num tive istudo / sou mafabeto de tudo / de pai, de mãe, de parente. / Mas tenho grande prazê / pruquê aprendi a lê / duma forma deferente / / ABC nem beabá / no meu livro não se encerra. / O meu livro é naturá / é o má, o céu e a terra / cum a sua imensidade. (*Patativa* 1)

É através do verso que este autor pensa, frui e participa na natureza de Deus e na natureza física, de que descreve as belezas e as inter-relações ecológicas. "O verde camaleão", por exemplo, "verde da cor da esperança / Com o flagelo que avança / Muda logo de feição / [. . .] / Perde a sua cor bonita / Fica de forma esquisita / Que causa admiração" (122). A observação do funcionamento sublime da natureza pode inspirar e espiritualizar o ser humano, que deve estar atento às lições do ambiente telúrico e cósmico: "Segue o seu caminho isato / até a própria furmiga / trazendo foia dos mato / dentro da terra se abriga / sem nada contrariá, / cumprindo a lei naturá / ao divino mestre atende. / Sabe até fazê iscoia / pois ela só corta a foia / das foia que não lhe ofende" (4).

Em *A Terra é natura*, e em muitos outros textos, Patativa do Assaré exprime, mais uma vez, o seu amor pela natureza, mas a sua crítica tem em vista aqueles que exploram a terra em seu benefício exclusivo. A aspiração à natureza não se liga aqui apenas ao mito de um passado natural perdido; liga-se à satisfação de necessidades imediatas e básicas de sobrevivência e dignidade. O poeta, em nome da sacralização da natureza, da valorização dos explorados e do comunitarismo tradicional do sertão, reclama pacificamente a terra que lhe pertence: "Iscute o que tô dizendo, / seu dotô, seu coroné: / De fome tão padecendo / meus fio e minha muiê. / Sem briga, questão nem guerra, / Meça desta grande terra / umas tarefas pra eu! / Tenha pena do agregado / não me dêxe deserdado / Daquilo que Deus me deu" (9).

Não lhe interessam os bens materiais daqueles que têm dinheiro e poder de decisão; interessa-lhe viver em simplicidade, humildade e comunhão com a natureza, de onde retira o sustento e a alegria de viver: "Não invejo o seu tesoro, / sua mala de dinhêro / a sua prata, o seu oro / o seu boi, o seu car-

nêro / Seu repôso, seu recreio, / seu bom carro de passeio, / sua casa de morá / e sua loja surtida, / o que quero nesta vida / é terra pra trabaiá" (9).

O ciclo "natureza e ambiente" ou "ecologia"

Os folhetos de Patativa do Assaré seriam suficientes, em número e em qualidade, para que pudéssemos falar de um ciclo que até hoje não foi proposto nas classificações da literatura de cordel brasileira: "natureza e ambiente" ou "ecologia". Mas a partir de finais da década de 1970 do século passado, e, em particular, nos últimos dez anos, na sequência do desenvolvimento da consciência ecológica à escala mundial, surgiram folhetos que nos permitem dizer, ainda com mais propriedade, que devemos acrescentar o ciclo "natureza e ambiente" ou "ecologia" às classificações de autores como Leonardo Mota, Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa ou Ariano Suassuna (Júnior 52–54).

Alberto Porfírio (Quixadá, Ceará, 23 de Dezembro de 1926–Fortaleza, 23 de Setembro de 2009), com o folheto *Não mate a natureza* (1979), é um dos primeiros poetas a trazer para o cordel as grandes questões ambientalistas, à luz dos debates científicos e dos tratados internacionais que, na altura, já contestavam o paradigma tecnológico. Tal como Patativa do Assaré, o poeta elogia a natureza, censura a atitude de hostilidade do ser humano em relação a tudo o que constitui o mundo natural e dirige-se também aos poderosos, que responsabiliza pela exploração dos mais pobres.

Porfírio critica o modo como o ser humano se tem relacionado unilateralmente com a natureza, insistindo na sua mercadorização e esgotamento de recursos, e propõe, por isso, alternativas: a alteração do paradigma excessivamente tecnológico por um paradigma ecológico, que exige reciprocidade entre o homem e a natureza, a entrega da terra a quem a quer trabalhar e o fim das riquezas e dos privilégios desmedidos dos poderosos. Nestas estrofes, irónicas e satíricas, ficam evidentes as reivindicações daqueles que viveram e vivem o "movimento dos sem-terra": "Está errada, senhores, / essa distribuição. / Uns têm muito e muitos, nada. / Por causa da ambição. / Será que alguém não conhece / do problema, a solução? / Conhece, todos conhecem / como corrigir a falha. / O espaço é para as aves, / a terra é pra quem trabalha. / Quem não se apercebe disso / é imbecil e canalha" (6).

Imediatamente a seguir, o poeta propõe o compadecimento perante a miséria dos excluídos do sistema capitalista, que aparecem representados através de um discurso com características românticas e expressionistas: "A fortuna dos patrões / aumenta constantemente / e os pobres operários / possuem a vida somente. / Uma família faminta / oh como comove a gente! / Quem quiser chorar de dor, / viver momentos minguados, / saia de seu gabinete / e visite os favelados; / veja os filhinhos dos pobres / de que modos são criados" (Porfirio 6–7). Esta estratégia textual, em vez de se esgotar

na exploração do *pathos* e do grotesco, abrange uma observação sociológica preocupante e incontestável: "Vá lá, veja o sofrimento / das crianças inocentes; / pobres mães escaveiradas / como fantasmas dolentes! / Observe a inocência / dos futuros delinquentes" (7).

O poeta não recusa a ideia de progresso, nem quer limitar a curiosidade humana, mas defende que a tecnologia deve estar ao serviço de uma relação harmoniosa entre a natureza e as pessoas, entre os ritmos naturais e o crescimento. O ser humano necessita de controlar os seus desejos de conquista e de dominação sobre tudo o que existe, ou acabará por se autodestruir: "Os cientistas modernos / arriscam terríveis planos / em seus estouros atômicos / nas águas dos oceanos / onde exterminam os peixes / e ameaçam os humanos. / Agora nos perguntamos: / A salvação, qual seria? / E respondemos: usarmos / toda tecnologia / pensando no bem comum / com paz e muita harmonia" (Porfirio 5). Estes versos resumem exemplarmente as aspirações dos movimentos ecologistas e de defesa do ambiente, e têm subjacente a ideia de que o sucesso da ecologia implica uma economia séria e científica.

Esta transformação não se pode fazer sem amor e respeito pela natureza, sem a sua contemplação e o seu estudo, sem uma articulação equilibrada entre a ecologia espiritualista, a técnica e conhecimentos básicos de ciências naturais, que o poeta vai introduzindo, com clareza e eloquência, no seu discurso simultaneamente literário, científico e didático: "As abelhas, por exemplo, / são insetos benfeitores / dão-nos mel e colaboram / com fecundação das flores; / estão também se acabando / nas mãos dos poluidores" (Porfirio 4).

Não mate a natureza mostra-nos como na linguagem poética é possível conciliar intensidade com informação e combatividade, sentimentos estéticos com indignação, razão e protesto. Neste folheto, em que não aparece ainda o vocábulo "ecologia", convivem palavras tradicionalmente usadas em poesia com termos e expressões de áreas semânticas do ambiente, das ciências da vida e das ciências sociais. O léxico da natureza conjuga-se com termos como "poluição" (2), "inseticidas" (3), "pesticidas" (3), "fábricas" (4), "fumaças" (4), desflorestamento" (8), "industrial" (8), "minérios" (10), "chaminés" (14), "máquinas" (1979: 14) ou "petróleo" (14) e com expressões da área do Direito como "direitos humanos" (8) ou "Contratos de Risco" (9).

Também o folheto de Abraão Batista (Juazeiro do Norte, Ceará, 04 de Abril de 1935) *A Terra é uma nave e você o passageiro* ilustra, desde o título, a vertente ambientalista da literatura de cordel dos últimos vinte anos. Como acontece em folhetos de outros autores, alguns publicados na década de 1980 (*Essa tal de ecologia* ou *A ecologia e as ciências naturais*), *ecologia* é já a principal palavra-chave, em relação à qual devem ser entendidas todas as outras das áreas da natureza, do ambiente e do ambientalismo.

A Terra é uma nave e você o passageiro (1996) constitui um manifesto poético em defesa do meio ambiente e da natureza que se vale explicitamente dos conhecimentos de uma ciência, identificada logo no primeiro verso: "Sobre a Ecologia / permita-me descrever / dizendo como ela é / se é ciência para valer / para que você, na terra, / possa ela merecer" (Batista 1). Num discurso oralizante, fluido e desafetado, o poeta enumera e comenta, com os conhecimentos de um especialista em ecologia e ambiente que sabe falar para o leitor comum, alguns dos mais importantes problemas ambientais da sociedade brasileira (e não só): a poluição das águas, a deterioração do ar, a erosão dos solos, os problemas associados às irrigações e à construção, as queimadas, a destruição das florestas, a caça, a extinção contínua de espécies animais e vegetais, entre outras coisas.

Batista não se limita a censurar "O homem que se considera / um rei de grande poder" (3), "o homem perverso", que, "destruindo o que existe / a si próprio vai matar" (4). Também aconselha e propõe alternativas que contrariam ideias feitas, notando, por exemplo, que "um cemitério deve ser / em lugar seco e ideal / apontado por um geólogo / se não o povo se dará mal / beber água de defunto / é um assunto ilegal" (6) ou que o prefeito de cada região "Devia mandar fazer / sério reflorestamento / com as árvores ali nativas / sem guardar constrangimento / dentro em pouco nós teríamos / um grande empreendimento" (11).

Este cordelista, para quem "o bicho homem é bicho" e "bicho também é gente" (Batista, *Café* 1, 8), assume uma posição em tudo de acordo com os princípios do ambientalismo moderno. Animais, vegetais, animais, o homem, toda a natureza, beneficiam dos mesmos privilégios: "Os bichos que tem na terra / são chamados de animais / sejam os rastejantes / ou de portes colossais / seja homem ou inseto / todos eles são iguais. / Nascem, vivem, reproduzem / com o poder da perfeição / todos nascem de um ovo / a partir de uma união / até mesmo os vegetais / pendem nesta direção" (Batista, *Terra* 3).

Abraão Batista tem em vista um leitor que precisa de ser informado e educado em termos de comportamentos ecológicos básicos, não só no que tem a ver com as práticas das cidades como também no que se relaciona com hábitos domésticos. O poeta tanto comenta a instalação de aterros sanitários perto de rios como os problemas associados ao "lixo caseiro", que "atrai insetos / cobra, moscas, que são / bichos que levam nas patas / sarna, doenças, sezão! / Muriçocas e percevejos / tapurus, degradação" (8); e ora nota e explica, ora exorta o leitor a seguir os seus conselhos: "Evite que as crianças / façam do lixo pousada / brinquem na lama do esgoto / ou com água empossada / lá está doença certa / com a mortalha cortada" (8).

O poeta fala de casos que têm a ver com o quotidiano do leitor, mas não deixa de lembrar, ao longo do folheto, que se inscreve no pensamento holístico: o comportamento de cada pessoa tem implicações no ecossistema

global. Agredir uma parte do sistema significa afetar todas as outras partes: "A terra é uma nave / de perfeita harmonia / tudo está ligado / na mais fina filosofia / só há choro na terra / se o homem a desafia" (4). Batista detém-se na descrição da diversidade da natureza, que lhe desperta um maravilhamento que ele quer partilhar, mas tem o cuidado de não se perder num excesso de glorificação. Este gesto alterna com uma atitude que vai da denúncia de vícios e erros mais ou menos conscientes, quer de países e entidades quer de pessoas comuns, até ao comentário pedagógico sobre os mais variados aspectos da relação do cidadão com o meio ambiente e a natureza.

Estamos no âmbito dos direitos dos animais selvagens, na relação entre vida e bem-estar. Os animais não-humanos, segundo o autor, devem ser protegidos por uma ética animal que qualquer pessoa pode pôr em prática: "Ensine pros seus filhos / não matar os passarinhos / nem tornar-se assassinos / doutros seres e bichinhos / vê: todos são criaturas / criadas sob carinhos" (*A Terra* 12). Daí o cenário que Batista apresenta ao seu leitor, para o convencer de que até um pássaro é um ser senciente (sente dor, prazer, conforto, ansiedade . . .): "Pensou se alguém de fora / pegar seu filho para cantar? / Ou por achá-lo bonito / possa ele o seqüestrar / levando para outras terras / bem distantes, além do mar?!" (*O Café* 13). O poeta quer que os leitores se confrontem com as experiências subjetivas vividas pelas aves aprisionadas por humanos insensíveis, sugerindo-lhes que estabeleçam uma analogia: "Já pensou ver seu filhote / cantando numa prisão / semelhante às gaiolas / que se fazem no sertão / ou ver a sua mulher / ser vendida num feirão?!" (13).

A ecotopia que Abraão Batista propõe não implica necessariamente o abandono da cidade, que ao longo da história tem sido utilizada como símbolo de corrupção, perversidade e doença. Para ele, a cidade pode ser um lugar de realização humana, um paraíso de harmonia e serenidade. Se houver uma boa articulação entre a tecnologia ecológica e a preservação da natureza, é possível criar um jardim do Éden na cidade: "As árvores, por sua vez / são de grande utilidade / além de melhorar clima / embelezam a cidade / a poeira fica nas folhas / pra nossa felicidade. / [. . .] / Já pensou se nossas ruas / embelezassem os lares / com frutos de todos tipos / e as praças fossem pomares / cheias de plantas frutosas / que perfumassem os ares?" (7).

Há um ideal de vida urbana que depende de uma ligação à natureza e, em especial, à árvore e à vida saudável e intensamente cromática, aromática, sonora e cinética que em redor dela se cria: "Manga-rosa, jaboticaba / jaca, amora, fruta-pão / goiaba e macaúba / jatobá, pinha e mamão / pra nas praças se juntarem / bentivis, rola e pavão. . . / Se nossas ruas povoassem / fruta-conde e buriti / todo tipo de mangaba / caju, pêra e sapoti / ruas e praças pomares / como em sonho eu já vi!" (*A Terra* 7). Nesta passagem não há conflito entre a precisão do método científico que a enumeração, até certo ponto, traduz, e o deslumbramento do poeta, que convoca os cinco

sentidos e a inteligência para explorar as belezas da natureza e se aproximar dela física, intelectual e espiritualmente. O mundo natural brasileiro não é um mero cenário; é um mundo em si mesmo que pode intensificar a vida de quem souber e puder integrar-se na força vital que ela constitui.

Franklin Maxado Nordestino, em 1980, no folheto *Sem seca, a gente vê as belezas do Sertão*, usa já esta estratégia discursiva, que apoia naturalmente as leituras políticas, sociais e éticas (na linha, aliás, de Patativa do Assaré): "Quando chove no Nordeste / o tempo é alegre, florido / perfumado e colorido / até mesmo no agreste / não se ouve falar de peste / tudo é verde, bom e são / quer no alto ou no baixão / por isso, eu vou descrever / *sem seca, a gente vê / as belezas do Sertão*" (1). Através da musicalidade do verso e da sinestesia que se associa à enumeração de frutos e legumes brasileiros, ele atribui ao texto uma energia celebratória e estética:

> Banana, jambo, araçá / laranja, cana, sapoti / abacate, abacaxi / tamarindo e ingá / graviola, maracujá / melancia, abricó, melão / seriguela e fruta-pão / pra cozinhando se comer / *Sem Seca, a Gente Vê / as Belezas do Sertão* / / Groselha se chupa bruta / tem goiaba e pitanga / jenipapo e boa manga / e pra quem não gosta de fruta / tem macaxeira, araruta / fava, tomate e agrião / taioba, bredo, açafrão / ou cereal de seu querer / *Sem Seca, a Gente Vê / as Belezas do Sertão.* (8–9)

O tópico do pássaro roubado à vida natural, fechado numa gaiola e vendido para satisfação de pessoas insensíveis, que os poetas criticam pela sua crueldade e incapacidade para apreciar a natureza livre, aparece também com muita frequência nestes cordéis. Abraão Batista, como vimos, não ignora este problema, que elege como uma das provas da falta de sensibilidade ecológica de grande parte da população brasileira.

O motivo do pássaro preso é, para Luciano Carneiro de Lima (Teixeira, Paraíba, 07 de Janeiro de 1942), o tema exclusivo do folheto *Respeite a lei da natureza*, que começa por atrair o leitor através de um humor provocatório mas ao mesmo tempo socializador (pelo que tem de imprevisto e prazenteiro): "Amigo, se você tem / um passarinho na gaiola / só pra cantar pra você / porque isso lhe consola / solte o bichinho na floresta / e pra fazer sua festa / compre uma radiola" (1).

Através da escrita motivada e consciente, estes autores denunciam o tratamento brutal e desastroso a que tem sido submetido o meio ambiente e a natureza. Apesar do azedume e pessimismo que atravessa muitos destes cordéis, podemos dizer que eles estão sintonizados com o trabalho da ecocrítica, que, de um modo geral, "contains a profound optimism" (Rowland 28). Esta esperança num mundo mais equilibrado e justo, tanto para os humanos como para os animais não humanos, os vegetais e os minerais, tem alguma coisa a ver com o modo como os índios americanos encaravam (ou

encaram) o mundo. A perspectiva destes poetas sobre a natureza é, em certa medida, animista, não, obviamente, em termos de cultura profunda, mas ao nível simbólico e dos sentimentos.

Os pontos de partida de um cristão e de um índio americano são diferentes, porque aquele acredita num Deus omnipotente que criou a natureza e este crê que "every mountain, stream, tree, season, wind, valley, etc. is sacred and has its own spirit (Rowland 28); mas o ponto de chegada pode ser cada vez mais idêntico. Sob a influência da literatura e da ecocrítica nas suas múltiplas ramificações, o mundo cristão (e, em particular, o Brasil) pode tornar-se cada vez mais dinâmico e responsável sem perder a sua identidade religiosa. Ver as espécies animais como entidades sagradas implicará necessariamente comportamentos mais activos em defesa da natureza e do ambiente.

O ciclo "natureza e ambiente" ou "ecologia" hoje

Nos últimos anos, a literatura de cordel tem continuado a promover a cidadania ecológica e pode até dizer-se que diversificou as suas estratégias discursivas, de promoção e de ação.

Há folhetos que incentivam os leitores a investir em comportamentos de preservação e de melhoria do meio ambiente, centrando-se, às vezes, em problemas mais ou menos específicos, como o da poluição de um rio ou de uma serra, e elogiando casos de sucesso de proteção ambiental que envolvem populações ou pessoas individuais; não faltam as iniciativas que juntam cordelistas e associações de promoção da natureza e do ambiente, como acontece no folheto de Josenir Lacerda *APA—Chapada do Araripe: Preservar é preciso* (2001), que se situa na linha interventiva que vem da década de 1990, na qual há até poetas que, pensando na internacionalização do cordel, escrevem em inglês; e não falta a ação do Estado, através do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis, que tem promovido a produção e divulgação de cordéis ecológicos.

O cordel infantil e a sua utilização no processo de ensino-aprendizagem

Há, paralelamente a estes cordéis e às ações de divulgação junto do público adulto, cada vez mais autores que têm explicitamente em vista o público infantil e juvenil, e a escola também recorre ao cordel para formar cidadãos leitores capazes de ler o mundo natural e social a partir da literatura.

Dirigir cordéis às crianças e aos jovens não promove apenas a leitura, a evasão e o conhecimento em áreas específicas. Também favorece a educação para o respeito pelas culturas orais e populares (Nogueira), e a capacidade de aí encontrar ensinamentos e valores que a sociedade moderna ignora ou es-

quece (Bahia). Ao integrar o cordel no cânone da literatura lida nas salas de aula, a escola está a pôr em prática essa grande virtude da literatura de cordel brasileira: dar voz aos menos favorecidos economicamente e assim contribuir para a transformação da sociedade. Os alunos que se reconhecem nesta mundividência oral e popular veem a sua cultura valorizada e, desse modo, sentem-se capazes de participar nas atividades do grupo e de interagir com os colegas de outros universos socioculturais. Estes, por sua vez, aprendem naturalmente a aceitar a diferença e a respeitar as formas de expressão e as ideias daqueles que estão afastados dos centros de poder económico e político.

É neste espírito de educação multicultural que os currículos programáticos das disciplinas de língua portuguesa e de literatura brasileira contemplam, explícita e implicitamente, o ensino do cordel, que aparece ao lado de géneros textuais da tradição popular há muito contemplados nos programas escolares e em orientações curriculares (por exemplo, o provérbio, a adivinha, a lenda).

As ações dos cordelistas em escolas e a integração do cordel em actividades curriculares e provas escolares contribuem diretamente para o impacto positivo dos cordéis do ciclo da natureza e do ambiente. Os poetas desafiam o leitor a olhar para a percepção própria das práticas quotidianas que mais se refletem negativamente no ambiente, a avaliar as consequências dessas ações individuais no contexto global e a ver a natureza como uma ecotopia e um lugar de conhecimento e de espiritualidade.

As crianças do Brasil defendendo a natureza, de Francisco L. Quental (Brejo Santo, Ceará, 06 de Agosto de 1946) e Klévisson Viana (Quixeramobim, Ceará, 03 de Novembro de 1972), por exemplo, é um folheto que se situa na linha de Patativa do Assaré e Abraão Batista. Condena o ser humano pelo seu desrespeito e ignorância em relação a tudo o que constitui a natureza, e exalta as belezas e o funcionamento integrado de todos os seres vivos e de todos os sistemas naturais, cuja capacidade para se auto-regular e para preservar a estabilidade da Terra está a ser ameaçada pelo homem: "Meninada, não esqueça, / isto tudo é fascinante, / a Natureza é fantástica, / primorosa e deslumbrante, / a gente mata e destrói, / por ser tolo e ignorante" (16).

Mas não são apenas os conteúdos do "cordel infantil" que se adaptam ao público infantil e juvenil. Também a forma, o grafismo e a ilustração destes cordéis acompanham as tendências da moderna literatura infanto-juvenil. Como dizíamos acima, o folheto infantil mantém-se, no essencial, fiel ao paradigma tradicional, mas vemos cada vez mais capas com ilustrações a cores e num tipo de papel mais resistente, e também encontramos folhetos ilustrados no interior e com formatos que ultrapassam as medidas mais comuns (o mesmo acontecendo no número de páginas, que muitas vezes excede a média de oito a dezesseis).

Este cordel, chamado, por vezes, em subtítulo, cordel ilustrado, é vendido, em grandes números, em feiras, quiosques, encontros académicos, festivais de folclore e outras festas populares. Mas tanto a sua venda como a

sua divulgação, que beneficia das novas tecnologias na sala de aula, também se fazem nas escolas, algumas das quais têm coleções de cordel, às vezes em quantidades que nos permitem falar praticamente em cordeltecas.

Um bom exemplo de cordel infantil ilustrado é *Uma aventura na Amazônia*, de Marcos Mairton (Fortaleza, 17 de Agosto de 1966), que narra o caso de uma criança que foi salva e acolhida temporariamente por índios, depois de o barco em que seguia com os pais ter sofrido um acidente. Daniel, o pequeno herói desta narrativa, durante o tempo em que vive com os índios, não se esquece da sua família, mas não adota uma posição etnocêntrica. Enquanto esperava pelo barco que por ali passava uma vez por mês, integrou-se no modo de vida da tribo e aprendeu a respeitar a natureza, a conhecer os animais, a ver-se numa relação de igualdade com os outros seres, cuja dignidade e direitos passou a saber reconhecer: "Aprendeu nomes de aves, / de peixes e animais. / Cada dia que passava / aprendia um pouco mais" (35).

Esta aprendizagem não se perdeu com o regresso de Daniel a casa. O efeito prático foi imediato, já que ele devolveu à natureza o macaco-aranha que o tio lhe oferecera. Daniel percebeu que a sua situação, longe da família, era semelhante à desse animal, por cuja perda de liberdade ele fora responsável. Mudou o seu pensamento em relação à natureza e ao ambiente, e mudaram também os seus comportamentos. Daniel, habituado pelos pais a apreciar os diferentes tipos de cultura, as paisagens humanizadas e o mundo natural, não tinha, todavia, uma consciência verdadeiramente formada acerca do valor moral da natureza. A experiência de Daniel, transmitida num relato que combina aventura e conhecimento científico, cultura e cidadania, palavra e imagem, contraria assim a desproporção que parece existir entre as ideias e os atos ecológicos daqueles que se consideram ambientalistas. E não deixa de ser significativo que na mudança de paradigma de Daniel esteja uma tribo de índios, cujo modelo de relacionamento com a Terra tem inspirado a redefinição, no Ocidente, do binómio homem-natureza.

Um outro aspecto que sobressai neste folheto é o da correção gramatical, tanto no plano linguístico (lexical, léxico-sintático, morfossintático, ortográfico e acentuação) como no da pontuação. Percebe-se que Mairton submete os seus cordéis a uma revisão cuidada, com o objetivo de evitar gralhas e erros gramaticais que prejudicariam o valor educativo dos textos, tendo em conta o uso pedagógico-didático a que se prestam: "A criança de hoje em dia / na escola cedo aprende / as coisas da Natureza, / e por isso compreende / que os animais da mata / a gente nunca maltrata, / nem tampouco a gente prende. / Mesmo assim, ainda existem / homens mal acostumados, / que pegam os animais, / na mata capturados, / e levam para a cidade / pra viver sem liberdade, / tristes e engaiolados" (8).

Este compromisso com o português padrão escrito não diminui a oralidade do texto, nem afecta a ligação do autor à família dos poetas populares brasileiros, de que ele é reconhecidamente herdeiro. O cordel de Mairton não se considera superior ao de um poeta como Patativa do Assaré, cujas

obras escritas reproduzem, tanto quanto possível, a fala típica do sertanejo não escolarizado. Mairton, como muitos outros cordelistas oriundos da cultura escolar, sabe que todas as variedades linguísticas do cordel são válidas, desde que correspondam naturalmente aos sistemas e subsistemas dos autores, e desde que obedeçam à arte poética tradicional. Mas esta adopção dos códigos da poesia popular brasileira não resulta, neste e noutros autores, em cristalização e banalidade. Este cordel diversifica a ética, a estética e a pragmática do poema oral e dos folhetos. É uma poesia escrita para ser dita que se coloca assumidamente do lado da língua popular e, ao mesmo tempo, da língua da escola.

Comparar, na sala de aula, a expressão de um Patativa do Assaré com a de Mairton permitirá sempre estabelecer distinções e aproximações essenciais entre o popular e o culto, o oral e o escrito, a tradição e a criação; permitirá deixar evidente que a poesia se rege por leis que diferem das da linguagem não-literária; e permitirá mostrar aos alunos que pode haver muito interesse literário, humano e social numa obra em que, à partida, não esperaríamos encontrar senão ingenuidade e pobreza estética e ideológica.

Adotar esta atitude e esta metodologia poderá ter um impacto educativo e civilizacional muito significativo. De facto, se, sob o signo da palavra e da natureza, soubermos rever o cânone escolar de textos literários, estaremos a promover a alteração das mentalidades. A mensagem destes autores é clara e vital: o vento, o ar, a água, as árvores, as flores, os animais são entidades que devem fazer parte do nosso universo moral. Só assim seremos habitantes de pleno direito do planeta que permitiu o nosso desenvolvimento.

A memória e a representação da natureza são também reconstrução. Estes autores comunicam a sua visão da natureza e mudam ou intensificam a percepção física e estética dos jovens leitores e/ou ouvintes sobre ela. Altera-se ou aprofunda-se a relação dos alunos com ela e alteram-se ou aprofundam-se os seus comportamentos em relação a ela.

O que não se debate nestes folhetos de cordel

O que dissemos até este momento sobre a expressividade e a argumentação de uma poesia que discute problemas complexos e fundamentais para a continuação da vida tal como a conhecemos não nos deve fazer esquecer um aspecto que não é tratado, que saibamos, nestes folhetos. Referimo-nos à questão dos direitos dos animais que são criados em grande número para abate e alimentação dos seres humanos. Nas cerca de cinco centenas de cordéis que reunimos sobre este tema nada se observa sobre o terror e o sofrimento que, nas unidades de criação intensiva, o homem impõe às espécies de que se alimenta; e também nada é dito sobre a promoção da dieta vegetariana, que, como se sabe, tem cada vez mais praticantes um pouco por todo o mundo.

Neste ponto, de acordo com os dados de que dispomos, o cordel brasileiro não está sintonizado com o pensamento exposto por Peter Singer no seu livro revolucionário *Animal Liberation* (1975), que parte dos argumentos do filósofo Jeremy Bentham (1748–1832), "who suggested that cruelty to animals was analogous to slavery and claimed that the capacity to feel pain, not the power of reason, entitled a being to moral consideration" (Garrad 136).

Num Patativa do Assaré, a cuja obra nos referimos no início deste artigo, a ausência de reflexão sobre este aspecto não é de estranhar. O poeta não podia desligar-se da sua cultura, das tradições em que cresceu e viveu, nem do modo de vida duro que garantia a subsistência precária dos sertanejos. Aliás, há o ato de matar e comer um animal para se poder sobreviver, ato comum a praticamente todas os grupos humanos, independentemente da sua religião; e há o ato, muito diferente, cruel, sistemático e industrial, de criar e matar animais para satisfazer, antes de mais, a superabundância da sociedade de consumo, e também para garantir a riqueza e o sustento daqueles cujas atividades profissionais se ligam aos centros de criação animal, aos matadouros e aos locais de venda de carne.

Patativa do Assaré não alude aos interesses dos animais que o ser humano usa para seu benefício, mas a sua atitude é, ainda assim, ecológica e ética. Ao criticar o ser humano por se desviar dos desígnios de Deus relativamente ao homem e à natureza, e ao sensibilizar o leitor para a harmonia e a estesia da natureza dentro de uma visão cristã do mundo, ele está a enveredar por uma tese que pode ser vista sob duas perspectivas: a dos que veem no cristianismo a origem maior do desequilíbrio ambiental, e a dos que advogam que a mensagem judaico-cristã é de respeito pelos direitos dos animais e da natureza em geral.

Autores como Lynn White Jr. e Peter Singer têm sido muito críticos em relação à mensagem tanto do Antigo como do Novo Testamento. Sobretudo para White, a religião judaico-cristã é, em grande parte, responsável pelo modo como no Ocidente nos vemos acima da natureza. A crise ambiental, que é igualmente uma crise de valores, nasce do livro do Génesis: Deus criou o mundo, incluindo os animais, para benefício do homem, que por isso se habituou à ideia de que é superior à natureza. Patativa contraria este princípio e defende que a contemplação da natureza, em tudo perfeita e sublime, traz benefícios para o ser humano, que necessita de rever o seu lugar e os seus comportamentos na Criação. O poeta não nos fala de direitos dos animais, nem da crueldade com que os criamos e matamos para nos alimentarmos (excessivamente, em muitas sociedades), mas não há antropocentrismo na sua visão do mundo e da natureza. O homem é severamente censurado por não seguir o exemplo da natureza na relação com Deus.

Para Patativa do Assaré, ao contrário do que defendem White e outros estudiosos de diversas áreas, o cristianismo não diz ao ser humano que se deve julgar superior à natureza, nem promove a destruição da natureza e do am-

biente; é no ser humano (cristão e não cristão), na sua atitude arrogante e despótica, que reside o problema. O poeta encontra na natureza o jardim do Éden bíblico, que Deus planeou e ofereceu ao homem, não para este explorar desmedidamente mas para zelar por ele, para, como se lê no livro do Génesis, "o cuidar e o conservar" (ou "o lavrar e o guardar", noutra tradução) (*A Terra* 2:15).

Vários Salmos apresentam-nos um mundo criado por Deus que tem tudo a ver com a mundividência religiosa de Patativa do Assaré. No Salmo 104, Deus é louvado pelo seu trabalho sem erros, pelo seu amor por todas as criaturas e pela atribuição (implícita) ao ser humano da responsabilidade de governar a natureza com sabedoria. "A glória de Deus", como se lê na epígrafe, "é manifestada na criação e na conservação de todas as coisas" e, por isso, "Ele" criou a luz, as águas, os céus, os montes, as rochas, o sol, as estações, os animais, as árvores, etc., atribuindo-lhes funções sublimes e justas, como fazer "crescer a erva para os animais, e a verdura para o serviço do homem, para que tire da terra o alimento" (Salmo 104: 14).

Dir-se-á, por outro lado, que, no Brasil dos poetas populares e popularizantes de finais do século XX e do século XXI, as ideias de Peter Singer e de outros autores não podem ainda competir com a representação cultural que continua a prevalecer dos animais, cuja carne, confecionada de inúmeras maneiras e integrada abundantemente na alimentação diária e nos momentos festivos, desempenha uma função importantíssima na cultura brasileira.

Este silêncio parece indicar que, simplesmente, aos poetas brasileiros que escrevem literatura de cordel não se coloca o problema da atitude humana em relação aos animais. Provavelmente porque, comendo diariamente "pedaços de seres não humanos abatidos", "consideram difícil crer que estão a agir incorretamente; e também consideram difícil imaginar que outra coisa poderiam comer" (Singer v). Mas é preciso notar que, apesar do que afirmámos sobre a ausência de considerações sobre este tema no cordel ecocêntrico, não podemos garantir em termos absolutos que a questão nunca foi abordada. Conhecemos um número considerável de títulos que falam diretamente da natureza e do ambiente, mas haverá muitos outros a que não tivemos acesso. É possível que, entre tantos poetas, algum ou alguns tenham já falado do que, para Peter Singer, é, antes de mais, o resultado do "Hábito. Hábitos não só dietéticos, mas também de pensamento e de linguagem, que têm de ser postos em causa e alterados" (Singer v); e não é menos crível que o assunto venha a ser tratado em folhetos que, se o seu número o justificar, podem até constituir-se em subgrupo do ciclo de cordéis sobre a natureza e o ambiente.

Encontrámos apenas um folheto que contraria um pouco a falta de discussão do tema da criação de animais para consumo humano na literatura de cordel brasileira: *O povo, os animais e coisas a respeito da humanidade*, de Antonio Caetano de Souza, em que o poeta trata o tema das espécies que o ser humano usa como força de trabalho e alimento. Indignado perante os

maus tratos que os animais domésticos e não só sofrem nas mãos de quem deles se serve, e sensibilizado face à resignação animal, o autor afirma insistentemente que são inegáveis e inaceitáveis os malefícios que infligimos a todos os seres vivos, especialmente àqueles que vivem ao nosso lado. Antonio Caetano de Souza, que na primeira estrofe invoca o "Deus do cristianismo" (1) pedindo-lhe inspiração "Pra versar referente / Ao povo e aos animais" (1), não é apologista do domínio absoluto do homem sobre a natureza; e, apesar de não falar sobre o abate de outras espécies como crime ou ato desnecessário e imoral, pede que eles sejam tratados com justiça e dignidade: "Trabalham assim esses 'bichos' / Pra quantidade de gente. / Cavalo, jumento e burro, / Vezes algum até doente! / Conduz peso sem poder / Aquele bicho inocente" (4).

Antonio Caetano de Souza não defende que o povo deveria praticar a abstinência de carne, mas censura, com ironia satírica, a ingratidão humana, que "Come saguim, como gato, / Come rato e come jia, / Raposa, rã e cassaco / Do reino da animália, / Come cobra a raça humana / E tem tanta fidalguia" (6), e louva o sacrifício dos animais, doméstico e selvagens: "Se não fossem os animais, / Estava o povo atravancado! / Porque quem peca na carne / De carne é alimentado. / Por isto, de qualquer bicho / O povo come um bocado" (6).

O cordel é um género literário que hoje atravessa classes socioculturais e grupos etários muitos distintos. Por isso, se o tema do "especismo" se desenvolver nesta literatura, o debate que o livro de Peter Singer intensificou chegará naturalmente a cada vez mais pessoas, que poderão discutir se o tratamento dado aos animais criados para abate deve e pode ser melhorado; se os interesses das grandes empresas da indústria alimentar devem e podem ser contrariados; se as dietas vegetarianas são mais ou menos saudáveis do que as dietas que incluem carne.[2] E poder-se-á também abordar o problema à luz de elementos históricos, em particular no que tem a ver com o pensamento religioso cristão, que sempre defendeu a soberania do homem sobre os animais não humanos, mas que tem vindo a ser alterado no sentido de uma posição mais de acordo com o princípio que, em 1988, o papa João Paulo II designou de "respeito pelos seres que fazem parte do mundo natural" (Singer 184).

Para suportar o argumento de que o cristianismo, ao conciliar o pensamento grego e judaico acerca dos animais, difundiu a ideia de poder incondicional do homem sobre a natureza, e que esta tese pode, felizmente, estar em vias de ser desacreditada, Singer afirma: "O facto de um papa rejeitar tão claramente a perspectiva de domínio absoluto é muito prometedor, mas é ainda demasiado cedo para saber se marca o início de uma alteração de sentido histórica e muito necessária no ensinamento católico relativo aos animais e ao ambiente" (184). As palavras de João Paulo II que Singer cita são estas, que transcrevemos para que se perceba como sugerem uma revisão do que outros cristãos afirmaram e fizeram em matéria de direitos dos ani-

mais: O domínio conferido ao Homem pelo Criador não é um poder absoluto, nem se pode falar de uma liberdade de "usar e abusar, ou de dispor das coisas como melhor agrade. [. . .] Nas relações com a natureza visível, nós estamos submetidos a leis, não só biológicas, mas também morais, que não podem ser impunemente transgredidas" (184).

Conclusões

O contributo da crítica literária, em especial da ecocrítica, como dizíamos no início deste artigo, pode ser decisivo para o equacionamento em larga escala dos desafios ecológicos e éticos. Os problemas ambientais e os problemas humanos que se lhe associam não são apenas problemas científicos. São também uma questão sociocultural, moral e ética, a que a literatura tem vindo a dar uma dimensão cada vez mais forte social e culturalmente. A literatura implícita ou explicitamente ecocêntrica desenvolveu sempre a nossa literacia ecológica e filosófica. Hoje, através da ecocrítica, o impacto ecológico e cultural deste diálogo pode e deve ser ainda maior.

A ecocrítica pode contribuir para o desenvolvimento da consciência ecológica de diversos tipos de especialistas e assim conduzir à sensibilização de toda a sociedade. Neste processo, como é óbvio, há parceiros privilegiados: educadores de infância e professores, não só os de língua portuguesa e de literatura mas também os de outras disciplinas, as crianças, os jovens e os estudantes em geral. Não podemos esquecer que a literatura é pensamento e movimento. Por isso, como a física, a ética, a filosofia ou a metafísica, constitui uma força de modelização do ser humano e do mundo. Como ser na natureza, o homem move-se dentro e fora de si. Conciliando a cultura científica com a cultura humanística, a escola pode combater a cultura do desperdício e da destruição do ambiente e de todas as formas de vida (incluindo a humana). Os educadores e professores de todos os graus de ensino são agentes que podem atuar de modo muito positivo nas interações sociais e ambientais.

Tal como acontece nos vários campos da ecocrítica e nas disciplinas que com ela dialogam (ecologia, ecofilosofia ou ecopsicologia), o objetivo destes autores não é apenas identificar o problema; é também atuar nas consciências e nos comportamentos, e ter um efeito positivo na prevenção quer de desastres ambientais localizados quer do colapso ambiental provocado pelas alterações climáticas. Estes poetas e a ecocrítica, que neles pode encontrar material de estudo e divulgação, têm as suas premissas essenciais na denúncia dos malefícios que a visão ocidental tem trazido aos universos não humanos. A arte em geral e a literatura em particular ajudam-nos a compreender a natureza e a respeitar os seus ritmos. Como afirma Susan Rowland, a literatura é "part of human evolution, itself deeply embedded in natural evolution" (99).

O número cada vez mais elevado de folhetos que abordam diretamente o tema da natureza e do ambiente mostra bem o empenhamento destes poetas, que querem participar na construção de um mundo novo através da conciliação entre criação estética e ética. Agir sobre as consciências individuais e sobre a consciência coletiva: eis o que move estes autores, que veem na poesia uma linguagem de questionamento que parte do estético para comunicar ideias ao nível ético, social e político.

Estes folhetos pedem ao leitor que reveja o seu conceito de "ser humano" e que contribua ativamente para uma mudança de paradigma cultural e ecológico. Mais voltados para a crítica dos abusos da humanidade sobre a natureza ou mais interessados em exaltar as belezas naturais, o princípio que lhes subjaz é o mesmo: é vendo-se como um ser na natureza que respeita tudo o que é não humano que cada pessoa pode alcançar uma consciência social e espiritual mais humana e integral.

Os poemas de que aqui nos ocupámos expõem uma experiência que é de desconforto e indignação perante as ingerências do homem na natureza e no ambiente, mas também de deslumbramento perante a beleza do mundo natural e de esperança num tempo livre dos totalitarismos e da ignorância do humano sobre o não humano. O poeta constrói o texto para comunicar uma experiência que é ao mesmo tempo estética, pessoal e intersubjetiva, não para se isolar num mundo de linguagem que nada comunica aos outros. O poético desta poesia, como aliás se verifica em toda a poesia popular, está na aparente simplicidade e naturalidade da sua linguagem e das suas ideias, e na sua capacidade para dar a ver o concreto e propor estratégias de resolução para os problemas que afetam os leitores e os ouvintes.

Estes folhetos de cordel lembram-nos muito expressivamente que a literatura pode participar na construção de um mundo novo. A mensagem que eles transmitem é clara e envolve múltiplos aspectos em que todos somos chamados a intervir, da educação à religião, à ciência e à sociedade. O cordel pede-nos que nos despojemos de alguns excessos materiais e contemplemos a natureza, para simplificarmos as nossas vidas e atingirmos uma consciência filosófica e ética mais profunda; e exorta-nos a assumir, individualmente e em grupo, mais responsabilidade na gestão dos recursos energéticos e no relacionamento com a natureza e o ambiente. Deus, o ser humano e todos os outros seres aparecem como uma comunidade cósmica, cuja relação deve ser de entendimento e reciprocidade, não de domínio e exploração.

A solução para os problemas ecológicos e ambientais está na ciência, mas não está menos no pensamento, nas atitudes e na cultura que aplica os conhecimentos científicos e com eles se transforma. Se cada um de nós assumir cada vez mais valores e comportamentos em defesa da Terra, podemos acreditar no futuro dos animais que nela habitam, incluindo o animal humano. A última frase da obra de Peter Singer é, a este propósito, muito sugestiva: "A forma como respondemos coletivamente a esta questão depende da forma como cada um, individualmente, lhe responde" (232).

Notas

1. Respeitamos, na transcrição dos textos de cordel, a ortografia do texto original. Uma vez que, em Patativa do Assaré, algumas palavras podem não ser legíveis para alguns leitores menos acostumados com a pronúncia popular sertaneja, registamos a seguir aquelas que nos parecem poder causar mais problemas: *mafabeto* (analfabeto), *iscoia* (escolha) e *foia* (folha).

2. "Singer gives the label 'speciesism' to the irrational prejudice that Bentham identifies as the basis of our different treatment of animals and humans" (Garrad 136).

Obras citadas

Assaré, Patativa do. *Patativa do Assaré: Uma voz do Nordeste*. Introdução e seleção de Sylvie Debs. 3ª ed. São Paulo: Hedra, 2001.

———. *A Terra é naturá*. In *Congresso Andes: Homenagem aos 90 anos do poeta Patativa do Assaré*. Fortaleza: Arte Visual, 1999.

Bahia, Sara. "Considerações sobre a educação para a arte e para a cultura, ou 'como levar Clio à escola.'" *Revista Lusófona de Educação* 16 (2010): 47–58.

Batista, Abraão. *O Café Literário dos Bichos na XXI Feira do Livro de Brasília*. Brasília: s.e., 2002.

———. *A Terra é uma nave e você o passageiro*. 2ª ed. Juazeiro do Norte: s.e., 1996.

Bradford, Clare, Kerry Mallan, John Stephens, and Robyn McCallum. *New World Orders in Contemporary Children's Literature: Utopian Transformations*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2008.

Braga, Teófilo. "Os livros populares portugueses (folhas volantes ou literatura de cordel)." *Era Nova: Revista do Movimento Contemporâneo* 12 (1881): 3–19 e 49–62.

Coelho, Jacinto do Prado. *Ao contrário de Penélope*. Lisboa: Bertrand, 1976.

Dobrin, Sidney I., e Kenneth B. Kidd, eds. *Wild Things: Children's Culture and Ecocriticism*. Detroit: Wayne State UP, 2004.

Garrad, Greg. *Ecocriticism*. New York: Routledge, 2004.

Glotfelty, Cherryll. "Introduction: Literary Studies in an Age of Environmental Crisis". *Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Ed. Cherryll Glotfelty and Harold Fromm. Athens: U of Georgia P, 1996. xv–xxxvii.

Glotfelty, Cherryll, and Harold Fromm, eds. *Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens: U of Georgia P, 1996.

Júnior, Manuel D. "Ciclos temáticos na literatura de cordel (tentativa de classificação e de interpretação dos temas usados pelos poetas populares)." *Literatura popular em verso: Estudos*. Ed. Manuel D. Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo e Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986. 27–177.

Lacerda, Josenir A. de, *APA—Chapada do Araripe: Preservar é preciso*. Crato: Fundação de Desenvolvimento Tecnológico do Cariri (FUNDETEC), 2001.

Lima, Luciano C. de. *Respeite a lei da natureza*. Crato: Academia dos Cordelistas do Crato, 1992.

Mairton, Marcos. *Uma aventura na Amazônia*. Ilustrações de Rafael Limaverde. Fortaleza: Edições IMEPH, 2008.

Nogueira, Carlos. "Os textos da tradição oral portuguesa no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário." *Revista Lusófona de Educação* 17 (2011): 75–90.
Nordestino, Franklin Maxado. *Sem seca, a gente vê as belezas do Sertão*. S.l.: Mundo Novo, 1980.
Porfírio, Alberto. *Não mate a natureza*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1979.
Quental, Francisco L., e Klévisson Viana. *As crianças do Brasil defendendo a natureza*. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2000.
Rowland, Susan. *The Ecocritical Psyche: Literature, Evolutionary Complexity and Jung*. New York: Routledge, 2012.
Santos, António T. dos. *O grito do Ipiranga*. São Paulo: Editora Prelúdio, 1952.
Singer, Peter. *Libertação animal*. Porto: Via Óptima, 2008.
Souza, Antonio Caetano de. *O povo, os animais e coisas a respeito da humanidade*. Palmares: s.e., s.d.
White, Lynn, Jr. "The Historical Roots of Our Ecologic Crisis." *Science* 155 (1967): 1203–7.